

Giuliano Da Empoli

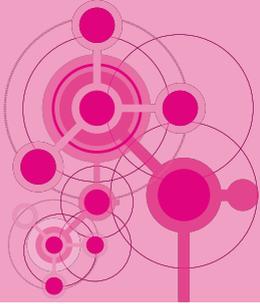
Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições

Vestígio
São Paulo, 2019
152 páginas



Ivelise de Almeida Cardoso

- Mestra em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).
- MBA em Administração pela Fundação Instituto de Administração (FIA).
- Pós-graduada em Comunicação e Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM/SP).
- Graduada em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero.
- E-mail: ivecardoso@hotmail.com



Uma análise sobre como as *fake news*, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo usados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições

How fake news, conspiracy theories and algorithms are being used to spread hate, fear and influence elections

Un análisis de cómo se utilizan las noticias falsas, las teorías de la conspiración y los algoritmos para difundir el odio, el miedo e influir en las elecciones.

No mundo de Donald Trump, de Boris Johnson e Jair Bolsonaro “cada novo dia nasce com uma gafe, uma polêmica, a eclosão de um escândalo”. Esse trecho, extraído da introdução do livro *Os engenheiros do caos*, sinaliza o caminho percorrido pela narrativa, fruto de ampla investigação política do autor.

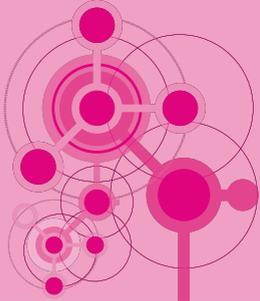
Beppe Grilo, Gianroberto Casaleggio, Dominic Cummings, Steve Bannon, Arthur Finkelstein, Milo Yiannopoulos e outros personagens juntos, com suas ideologias e estratégias somadas ao *Big Data*, estão prestes a transformar a natureza do jogo democrático.

Os engenheiros do caos, obra do cientista político italiano Giuliano Da Empoli, entre outros aspectos relevantes, faz uma análise sobre como as *fake news*, as teorias da conspiração e os algoritmos são usados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições, cujas campanhas cada vez mais se tornam verdadeiras guerras entre softwares e elegem líderes que jamais teriam chegado ao poder pelo método do engajamento tradicional.

O foco central são os engenheiros do título, nome dado pelo autor aos consultores políticos, estrategistas e especialistas em dados que direcionam conteúdos por meio das redes sociais, impulsionam onda de *fake news* e criam teorias de conspiração que promovem o engajamento popular e influenciam os resultados de importantes manifestações políticas e econômicas de alguns países.

O livro está estruturado em seis capítulos, e representa a lógica construída pelo autor para apresentação dos temas que propôs.

No capítulo 1, o autor retrata a Itália, considerada o Vale Suíço do populismo, local onde, pela primeira vez, o poder foi conquistado por uma forma nova de tecnopopulismo pós-ideológico, fundado não em ideias, mas em algoritmos disponibilizados pelos engenheiros do caos. Steve Bannon foi um dos principais articuladores oficiais de campanhas políticas, como a de Trump,



vista como uma das mais transgressoras da história política dos Estados Unidos. Bannon financiou *think tanks* e um grupo de pesquisa destinado a estudar os malefícios do *establishment* em geral, e da família Clinton em particular. Mobilizou blogueiros e *trolls* para dominar o debate nas redes sociais, participando do lançamento de uma sociedade de *Big Data* aplicada à política – a Cambridge Analytica, que logo mais estará no centro de um escândalo global. Desembarcou no centro de peregrinação dos engenheiros do caos na Itália e vivenciou um ambiente avançado da inovação política.

Por trás da ascensão dos líderes extremistas estão os verdadeiros engenheiros do caos. Imergindo na mente desses estrategistas, Da Empoli retrata o surgimento do modelo do Movimento 5 Estrelas italiano no capítulo 2, sem partido, liderado pelo comediante Beppe Grillo com a combinação inédita do populismo tradicional e algoritmo que dá à luz a uma temível máquina política. A partir desse momento, as mídias começaram a girar em torno de Grillo, num grande frenesi para compreender o fenômeno gerado. A parceria com Gianroberto Casaleggio dá origem a um blog cujas notícias são recortadas, sob medida, para viralizar nas redes sociais e gerar retornos publicitários significativos para o partido-empresa. Assim, chegada as eleições de 2013, quando o Movimento, com pouco menos de 9 milhões de votos e 25% do sufrágio, se torna o partido mais votado da Itália.

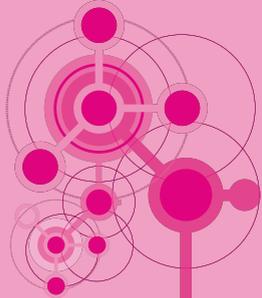
Os complôs funcionam nas redes sociais porque provocam fortes emoções, polêmicas, indignação e raiva, que geram cliques e mantêm os usuários colados ao monitor. O autor dá sequência ao tema do fenômeno das redes sociais no capítulo 3 e reforça seus argumentos com dados da pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que aponta que, no ambiente virtual, a verdade consome seis vezes mais tempo que uma *fake news* para atingir 1500 pessoas. Temos, enfim, a confirmação científica da frase de Mark Twain segundo a qual “uma mentira pode fazer a volta ao mundo no mesmo tempo em que a verdade calça seus sapatos!”.

Estudos convergem para o fato de que as redes sociais tendem a exacerbar os conflitos, ao radicalizar os tons até se tornar, em alguns casos, um real vetor de violência. E assim, Da Empoli chega sua análise ao Brasil. Os novos engenheiros do caos são muitas vezes criativos e dominam técnicas até então desconhecidas pelos especialistas. Foi assim na Alemanha, com Angela Merkel que teve seu nome associado a uma campanha de difamação nas redes associada à política de refugiados. Nos EUA, a campanha de Donald Trump usava técnicas da Cambridge Analytica. E, por fim, no Brasil, o uso do WhatsApp para disseminar *fake news* a serviço de Jair Bolsonaro. A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates maçantes da velha política.

No capítulo 4, o autor descreve os artifícios utilizados por Trump para, aos poucos, denegrir a reputação de Barack Obama. As *fake news* formam ingredientes essenciais na campanha que emergiu para questionar a cidadania e a legitimidade de um negro para ocupar a Casa Branca. Surpreendentemente, o elemento da notícia falsa sustenta e dá força à candidatura de Trump.

Arthur Finkelstein surge no capítulo 5 como mais um grande personagem da história que recorreu a artifícios inovadores para projetar mais uma figura política: Ronald Reagan. Já na época, seu método de análises demográficas sofisticadas e sondagens de boca de urna entre os eleitores permitiam o envio de mensagens segmentadas. Entretanto, seu verdadeiro talento consistia em destruir seu adversário e formar uma geração inteira de *spin doctors*.

No fundo, a tecnologia na política muitas vezes tende a revelar uma bolha, como abordado pelo cientista político no capítulo 6. Após o Brexit e a eleição de Trump, essa tendência atingiu seu paroxismo quando as mídias do mundo inteiro se engajaram numa ação brutal contra os manipuladores ocultos do Facebook à Cambridge Analytica. Em um panorama global, é difícil negar que, desde então, alguma coisa fundamental mudou na relação entre a tecnologia e a política. Pela primeira vez, os comportamentos humanos começaram a produzir um fluxo maciço de dados. Graças à internet e às redes sociais, hábitos, preferências, opiniões e mesmo emoções passaram a ser mensuráveis. “Em termos políticos, a chegada do Big Data poderia



ser comparada à invenção do microscópio", como dito por Da Empoli. Inicialmente criada como uma máquina de propaganda, com cunho comercial, contudo, por fim, a única coisa que interessa passa a ser o engajamento.

Trump, Bolsonaro e outros nomes de políticos extremistas ficarão marcados na história por criarem um estilo de liderança composto por ameaças, mentiras e insultos que, cedo ou tarde, irão desiludir as expectativas geradas e perder a anuência dos eleitores. Notícias falsas e teorias da conspiração, amplamente utilizados por esses populistas, fazem comprovadamente mais sucesso do que qualquer outro tipo de conteúdo. Em um ambiente que o engajamento tem lugar de destaque por fazer com que as pessoas passem cada vez mais tempo navegando pelas redes sociais, a qualidade do conteúdo veiculado ganha papel secundário.

Texto recebido em 13.10.2020 e aprovado em 13.10.2020.